



Thainá Caroline Restelli¹
Cristiane Horst²

AS IMPLICAÇÕES DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA ESTIGMATIZAÇÃO DO R

RESUMO

Este artigo objetiva descrever e analisar as produções e os contextos de produção do fonema r-forte, bem como os seus empregos e seus registros tidos em dois espaços geográficos distintos. Para tanto, com base na Dialectologia Pluridimensional e Relacional de Thun (2005, 2010), realizou-se uma pesquisa qualitativa, com oito informantes ítalo-brasileiros e oito informantes luso-brasileiros, em dois municípios do oeste de Santa Catarina, Chapecó e Palmitos. Buscou-se averiguar quais são os fatores linguísticos que tendem a influenciar para o uso de variantes do fonema /r/ e a quais ideologias sociais estão associadas a isso, bem como investigar se as pronúncias de /r/ favorecem a construção de identidades e, ainda, avaliar e cogitar as motivações do emprego de determinadas variantes. São apresentadas as variantes do /r/ do português brasileiro (PB) e discorre-se acerca da Variação Linguística com base em Silva; Aguilera (2014), Altenhofen; Thun (2016) e Coelho et al. (2012). A partir da análise de dados, constata-se o uso frequente de Tepe em diferentes posições silábicas na fala dos informantes e que essa pronúncia não é percebida com estigma, possivelmente por tratar-se de uma realização padrão com valoração local.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia Pluridimensional; Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Identidade; Oeste de Santa Catarina.

THE IMPLICATIONS OF EXTRALINGUISTIC FACTORS IN THE STIGMATIZATION OF R

ABSTRACT

This article aims to describe and analyze the productions and production contexts of the phoneme r-forte, as well as the uses and registers of it in two different geographic spaces. For this purpose, based on Thun's Pluridimensional and Relational Dialectology (2005, 2010), a qualitative research was carried out, with eight Italian-Brazilian informants and eight Luso-Brazilian informants, in two municipalities in the west of Santa Catarina, Chapecó and Palmitos. We sought to find out which linguistic factors tend to influence the use of variants of the phoneme /r/ and which social ideologies are associated with it, as well as to investigate whether /r/ pronunciations favor the construction of identities and, also, to evaluating and considering the motivations for the use of certain variants. The /r/ variants of Brazilian Portuguese (BP) are presented and the Linguistic Variation based on Silva; Aguilera (2014), Altenhofen; Thun (2016) and Coelho et al. (2012). Based on the data analysis, the frequent use of Tepe, in different syllable positions in the informants' speech, is verified and that this pronunciation is not perceived as stigma, possibly because it is a standard realization with local valuation.

KEYWORDS: Pluridimensional Dialectology; Linguistic Variation; Linguistic Prejudice; Identity; West of Santa Catarina.

LAS IMPLICACIONES DE LOS FACTORES EXTRALINGÜÍSTICOS EN LA ESTIGMATIZACIÓN DEL R

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo describir y analizar las producciones y contextos de producción del fonema r-forte, así como sus usos y registros en dos espacios geográficos distintos. Para ello, con base en la Dialectología Pluridimensional y Relacional de Thun (2005, 2010), se realizó una investigación cualitativa, con ocho informantes ítalo-brasileños y ocho informantes luso-brasileños, en dos municipios del oeste de Santa Catarina, Chapecó y Palmitos. Se buscó averiguar qué factores lingüísticos tienden a influir en el uso de variantes del fonema /r/ y qué ideologías sociales se asocian con él, así como investigar si las pronunciasiones de /r/ favorecen la construcción de identidades y, además, evaluar y considerar las motivaciones para el uso de ciertas variantes. Se presentan las variantes /r/ del portugués brasileiro (BP) y se discute la Variação Linguística basada en Silva; Aguilera (2014), Altenhofen; Thun (2016) y Coelho et al. (2012). Con base en el análisis de datos, se verifica el uso frecuente de Tepe en diferentes posiciones silábicas en el habla de los

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (Chapecó). Santa Catarina - Brasil. <https://orcid.org/0009-0005-5049-8294>. E-mail: t.restelli.tr@gmail.com

² Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (Chapecó). Santa Catarina - Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2782-9903>. E-mail: cristianehorst@uffs.edu.br



informantes y que esta pronunciación no es percibida como un estigma, posiblemente por tratarse de una realización estándar con valoración local.

PALABRAS CLAVE: *Dialectología Pluridimensional; Variación Lingüística; Prejuicio Lingüístico; Identidad; Oeste de Santa Catarina.*

1 Palavras introdutórias

É sabido que as civilizações se constituíram no decorrer dos anos através das miscigenações dos povos, das trocas culturais, econômicas e principalmente pela evolução e adaptação dos sujeitos às condições apresentadas. A evolução tecnológica e o comércio foram importantes meios pelos quais descobriram-se novas terras, novos povos e ocorreram as trocas culturais e linguísticas.

Entende-se que o processo migratório não só faz parte da natureza humana, como é agente formador da história. Linguisticamente falando, a migração “confere a quem dela faz parte, influências na fala que de outro modo não teria” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 376), comprovando dessa forma as transformações e contribuições que a língua recebe diariamente, bem como as variações que sofre.

Partindo desse ponto de vista, no decorrer deste artigo serão apresentados resultados de estudos que discorrem sobre as variantes de /r/ e contextos de realização, bem como acerca do estigma ou prestígio social que circundam as pronúncias de /r/. O objetivo principal desta pesquisa é investigar a influência de fatores extralinguísticos na escolha de determinada variante de /r/ nos contextos de r-forte e a que ideologias sociais estão associados. Para alcançar esse objetivo maior, serão descritos e analisados dados de fala advindos da aplicação de um questionário com perguntas sobre os usos do /r/ e preconceito linguístico, além de uma conversa livre.

Para entender quais são as implicações e o perfil daqueles que empregam determinada variante em detrimento de outra, foi realizada uma coleta de dados em Chapecó e em Palmitos, seguindo os parâmetros da Dialectologia Pluridimensional e Relacional de Thun (2005, 2010). Ambas ficam localizadas no extremo oeste de Santa Catarina, porém Chapecó teve sua fundação político administrativa em 1917, colonizada pela Companhia Bertaso, que tem hoje sua economia formada basicamente pela agroindústria. Possui cerca de 227.587 mil habitantes e figura como centro político, cultural e econômico do oeste do



estado (IBGE, 2021). Já a cidade de Palmitos foi desmembrada do município de Chapecó em 1953 e fundada político administrativa no ano seguinte, 1954, mas ainda faz parte da microrregião de Chapecó. Foi colonizada pela Companhia Sul Brasil e tem atualmente sua economia formada pela agricultura familiar. Possui 16.144 habitantes (IBGE, 2021).

Com a Dialetologia Pluridimensional e Relacional se analisa os dados considerando a dimensão diasssexual, diastrática, diageracional, e diatópica³, além de outras não consideradas nesta pesquisa. A análise dos dados visa majoritariamente perceber se a posição social e econômica dos sujeitos influencia diretamente na escolha da sua variante, e ainda, que juízos de valor contribuem para o uso de uma ou outra pronúncia de /r/. Entende-se ainda que “um traço definidor da identidade do grupo é a variedade linguística utilizada por ele” (SILVA; AGUILERA, 2014, p. 704) e que as condutas apresentadas a determinados grupos e suas respectivas identidades dizem respeito a reações quanto à variedade por eles empregada.

Entende-se que a variação é inerente à língua, desse modo, todas as línguas variam em menor ou maior grau e por isso são dinâmicas (COELHO, et al, 2012). Elas acompanham o desenvolvimento da sociedade e se adaptam às condições estabelecidas pelos indivíduos. Dessa forma, cabe afirmar ainda que a língua é heterogênea e essa heterogeneidade é firmada sobre dados empíricos (COELHO et al, 2012).

Nesse sentido, considera-se que a mobilidade dos informantes, sua descendência e cultura linguística encontram-se imbricados nas produções, afinal nenhuma língua ou variedade pode colocar-se imune às alterações, pois ela é dinâmica. Para Altenhofen e Thun (2016, p. 372) “o estado normal de uma língua ou variedade é estar em contato com outras línguas ou variedades. O isolamento absoluto configura antes a exceção”.

“Mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, portanto há regras, sim” (COELHO et al, 2012, p.24). Essa heterogeneidade, ao contrário do que muitos acreditam, é sistematizada, o que se comprova quando observamos indivíduos de diferentes regiões dialogando, se entendendo e fazendo-se compreender, apesar das diferenças linguísticas e

³ Os conceitos serão detalhados e explicados na seção 4 Metodologia e análise dos dados.



das variações de cada um (COELHO et al, 2012). É essa dinamicidade da língua que permite suas atualizações a fim de acompanhar o desenvolvimento da sociedade.

Por suposto, muitos fenômenos de variação acabam sendo vistos de modo desprestigiado por algumas pessoas, gerando o que conhecemos por preconceito linguístico. A Sociolinguística traz alguns estudos que comprovam que não existem formas variáveis mais corretas ou melhores que outras. “Segue daí, portanto, que o julgamento (ou em termos mais claros, o preconceito) é social, e geralmente parte de cima para baixo, ou seja, das camadas dominantes econômica e culturalmente para as camadas dominadas” (COELHO et al, 2012, p.32). No decorrer deste artigo, se ilustrará melhor como ocorre e é percebido o preconceito linguístico nas regiões observadas considerando o uso do fonema /r/.

2 Variação linguística: agrupando ideias

Sabe-se que a língua é a maneira pela qual os indivíduos se comunicam, interagem e se relacionam em sociedade. De acordo com Castilho (1978), esta é exposta a muitos contextos de realização e perpassa por vários cenários geográficos, econômicos, culturais e dialetais sendo conseqüentemente alterada e ajustada às condições de cada falante. Por isso a língua é vista como um fenômeno conservador e dinâmico. É conservador porque necessita de um grau de formalidade para que seja compreendida quando veiculada, e é dinâmica pois se transforma com o tempo, estando exposta às condições sociais, estilísticas e regionais, como explica Preti⁴ (1994 apud BARRERA; MALUF, 2004).

Segundo Castilho (1978, p. 13), “o canal, sobretudo a língua falada, sofre a interferência da origem geográfica e social dos falantes; origem geográfica e social, por sua vez, já se apresentam imbricados”. Dessa forma, entende-se que o indivíduo já nasce inserido em um contexto de fala, já se vincula a determinadas línguas e se comunica levando sua marca, suas variações. Essa variação geográfica é, para Barrera e Maluf (2004), entendida como as diferenças de vocabulário, de sotaque, ou ainda de ordem sintática das frases formadas vistas em falantes de uma mesma língua, mas de diferentes regiões.

⁴Preti, D. Sociolinguística: Os níveis de fala. São Paulo: Edusp, 1994.



Outro fator importante a ser considerado quando falamos de variação linguística, é a posição econômica/social ocupada pelo indivíduo considerado, pois isso nos diz quais são as marcas empregadas por esse indivíduo e nos orientam quanto às análises realizadas.

De modo geral, pode-se afirmar que a variante padrão está mais relacionada às regras da gramática tradicional e aos exemplos da língua escrita literária, que são mais conservadores, enquanto a variante popular está mais aberta às transformações da linguagem oral (BARRERA; MALUF, 2004, p.36).

Barrera e Maluf (2004) reforçam que a norma padrão da língua é majoritariamente escolhida para efetivar os registros, mas que essa escolha não está associada a critérios de ordem linguística, mas por ser a variedade empregada pelo grupo social dominante. Do mesmo modo, já se pode concluir que a estigmatização de uma variante da língua é atribuída pela sua posição social. Ou seja, a língua tem conotação e valor variável a posição social do indivíduo (GNERRE⁵, 1987 apud BARRERA; MALUF, 2004).

É necessário esclarecer que é indicado que o indivíduo adquira conhecimento da variante mais culta da língua para que possa se integrar à sociedade de maneira igualitária. No entanto, não se pode conceituar “língua” como algo engessado, uma vez que a variação linguística está associada a fatores como, por exemplo, posição geográfica, idade, profissão ao contexto em que o falante está inserido, dentre outros fatores sociais e também linguísticos.

Para Coelho et al, (2012), a variação é inerente a cada grupo de falantes, pois não se concretizam produções idênticas mesmo em situações semelhantes. O sistema é sustentado por regras variáveis que relacionam “duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico” (COELHO, et al, 2012, p.24). O fenômeno traz mobilidade quanto à variante utilizada em determinada situação e em outra, sendo ela mais formal ou mais informal, empregando a que mais se adequa a cada situação de fala.

As autoras Silva e Aguilera (2014, p.705) já comprovaram a existência de uma “tríade indissociável homem-língua-sociedade, pois cada componente depende do outro

⁵Gnerre, M. Linguagem, escrita e poder. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.



para existir”. Ou seja, assim como a sociedade se transforma, transforma consigo seus indivíduos e altera sua língua.

Quando observa-se uma língua, seja ela qual for, é possível concluir que ela muda constantemente, senão sempre que é empregada. A esse fenômeno denominamos de variação linguística que é o traço que define a identidade de um grupo/comunidade de fala. Coelho, et al. (2012, p.23) definem variação linguística como “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, i.e., com o mesmo significado”.

Nesse sentido, Horst, Krug e Fornara (2017), corroboram e ampliam a descrição e análise de línguas ou de variedades linguísticas ao lado da língua portuguesa, especialmente no oeste de Santa Catarina, região de maior interesse neste estudo. Segundo os autores,

A omissão ou supressão da realidade plurilíngue, seja da coexistência de línguas ao lado das variedades do português brasileiro, seja da existência de falantes de mais de uma língua, contribuiu para retardar, em algumas décadas, ações que poderiam incentivar e utilizar positivamente o potencial do plurilinguismo brasileiro (HORST; KRUG; FORNARA, 2017, p.2).

Quando nos posicionamos frente a alguma manifestação de fala, seja de maneira positiva ou negativa, normalmente estamos tomando como base a variante que nós empregamos. Por isso,

qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser e, na maioria dos casos, é uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos seus usuários, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (SILVA; AGUILERA, 2014, p.704-705).

É desta forma que muitas vezes estigmatizamos a variante do outro em detrimento da nossa, ou, desqualificamos um indivíduo por meio de sua fala em determinados espaços frente a suas realizações. O que se percebe no Brasil é a falsa ideia de um país monolíngue. Bagno (1999) expõe a respeito do preconceito linguístico e a falsa concepção de uma unidade linguística, na qual “a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os [...] brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc” (BAGNO, 1999, p. 15).



Altenhofen (2004, p.87) corrobora a posição de Bagno, apresentando em seus estudos que

a ideia de ‘um Brasil com uma única língua’ parece tão forte, que mesmo o falante bilíngue, membro de uma comunidade bilíngue, onde convivem lado a lado com o português uma ou mais línguas de adstrato, é capaz de rotular nosso país de ‘monolíngue’, não enxergando diante do seu nariz a prova cabal de seu equívoco.

É consenso que a língua falada pela grande maioria no Brasil seja o português, porém, esse PB é rico em variabilidade. Se percebe uma grande lacuna entre as variedades padrão e não-padrão⁶, e em muitos casos os falantes que empregam uma variante não-padrão sofrem com o desprestígio e desrespeito daqueles que utilizam ou acreditam utilizar o português padrão (BAGNO, 1999).

Considerando a incidência do preconceito sobre determinadas produções, pelo emprego de determinada variante, Bagno (1999, p.47) afirma que,

não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. [...] Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares.

E é, a partir de concepções como essa que se encara o preconceito linguístico como um desconhecimento histórico, social, cultural e econômico do indivíduo, uma vez que língua é identidade, é por meio dela que,

As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre (i) o local de onde viemos, (ii) o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, (iii) quando nascemos, (iv) com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (COELHO, et al., 2012, p. 25).

Nesse sentido, Krug e Horst (2015, p.174) afirmam que “a língua constitui um dos principais fatores de determinação da identidade e etnicidade de um grupo social”. Em

⁶ Os princípios que regulam as propriedades das variantes padrão e não-padrão geralmente extrapolam critérios puramente linguísticos. Na maioria das vezes, o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes. Variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros (SILVA, 2003, p. 12).



complementaridade, as autoras Silva e Aguilera (2014, p.707) mencionam que as línguas, variedades e dialetos atribuídos ou que representam uma classe social mais elevada, prestigiada, ocorre dessa forma porque, na maioria das vezes, pois esses indivíduos ocupam um lugar privilegiado, de maior *status* social na sociedade.

3 As variantes do /r/ usadas no português brasileiro

A constituição do português brasileiro (PB) teve início já no século XV, mas foi somente a partir do século XVIII que o PB passou a se distanciar do português europeu e assumir traços e características distintas, formando dessa maneira sua identidade e se constituindo enquanto uma língua mais independente e condizente com a sua realidade de contatos linguísticos em território brasileiro.

É importante salientar a trajetória histórica de constituição e contato que o PB figurou. Neste artigo, especialmente, destaca-se a imigração dos italianos para o Brasil e inicialmente para o estado do Rio Grande do Sul. Ao chegarem nessa região, os italianos foram destinados a porções de terras mais montanhosas e de difícil manutenção. Essas condições foram as principais causas que levaram os italianos a migrarem para o oeste de Santa Catarina, onde encontraram melhores condições de vida e de trabalho (SPESSATTO, 2001, p.30-32).

Nessa progressão, o PB foi assumindo traços e características que formam a língua que conhecemos hoje. Vale ressaltar que assim como qualquer outra língua, o português brasileiro teve contato com outras línguas, pelo comércio e pelo contato com os povos que aqui se encontravam. Portanto, o PB que conhecemos hoje é o resultado dessa miscigenação.

No que tange especificamente a realização do fonema /r/, observa-se que no PB, ela assume diversas realizações a variar de acordo com cada região. Essas variações estão condicionadas “a fatores extralinguísticos, como ponto geográfico, contexto social, idade do falante, descendência étnica, dentre outros fatores” (CURIOLETTI, 2014, p.31).

Tem-se o registro das seguintes realizações do fonema /r/: fricativa velar desvozeada e vozeada [x, ɣ]; fricativa glotal desvozeada e fricativa glotal vozeada [h, h̥,]; tepe alveolar vozeado e vibrante alveolar vozeada [r, r̥]; e por último: retroflexa alveolar vozeada [ɽ] (SILVA, 2003, p. 38-39).



Observa-se que os alofones [x, γ] e [h, h̄] estão em concordância com um único fonema, ilustrado /R/ quando em final de sílaba. Em outras situações, podem ainda se relacionar com o “R” forte, ilustrado por \bar{R} . Contudo, quando entre vogais (intervocálica) observa-se usos distintos entre o “R” forte e o “r” fraco, sendo que esse último, conhecido como tepe [r] é encontrado em todos os dialetos do português. Por sua vez, o \bar{R} / pode manifestar-se foneticamente como [x, h, r] e é registrado em começo de palavra, início de sílaba precedido de consoante e em posição intervocálica (SILVA, 2003, p. 141-143).

Nesse sentido, considerando a variedade de fonemas apresentados acima, e os expostos de que a variação é inerente, cabe destacar que a disputa entre as variantes, tende a privilegiar, sempre, as variantes de prestígio (TARALLO, 2007). Dessa forma, os meios de comunicação mostram-se um importante influenciador, pois depreendem maior status a determinada variante e influenciam seu emprego como “correto”.

Ademais, “acredita-se que muitos brasileiros, vendo na elite muito luxo e poder, provavelmente, têm tentado imitar a vibrante uvular [R] em detrimento de outras variantes, fato que pode ter desencadeado o surgimento do fone fricativo para o fonema /r/” (CURIOLETTI, 2014, p.31). Em complementaridade a essa afirmação, percebe-se que atualmente a variante mais prestigiada é a fricativa alveolar desvozeada [x] (CALLOU; LEITE⁷, 2013 apud CURIOLETTI, 2014).

Dessa forma, pode-se perceber que a variabilidade presente no português brasileiro é vasto, e aplica-se ao fonema /r/. Mesmo quando analisamos um fenômeno de maneira isolada, as regularidades da língua se aplicam e são percebidas, assim como os juízos de valor que são depreendidos sobre ela.

4 Metodologia de seleção de informantes e de coleta de dados

O meio utilizado para a coleta dos dados, considerando a pandemia da Covid-19 e as medidas preventivas adotadas em um contexto macro e micro⁸, dividiram as entrevistas conforme a disponibilidade, preferência e adaptabilidade dos informantes, sempre zelando e tomando todos os cuidados necessários. Alguns informantes, em sua maioria da GI,

⁷ Callou, D.; Leite, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

⁸ A coleta de dados para a pesquisa apresentada neste artigo foi feita em 2021.



conseguiram realizar a entrevista de maneira remota, por videoconferência. Em contrapartida, todos os informantes da GII preferiram realizar a entrevista presencialmente, e, nestes casos, as medidas preventivas foram reforçadas buscando zelar pela saúde dos envolvidos.

A coleta de dados foi realizada com base na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, uma coleta de dados qualitativa em duas localidades do oeste de Santa Catarina, Chapecó e Palmitos. Mais detalhes ver na introdução. Foram entrevistados 8 informantes em cada cidade, 4 ítalo-brasileiros e 4 luso-brasileiros. Esses informantes de cada descendência obedeceram aos critérios de gênero, classe e geração.

Dessa forma, foram contempladas as dimensões diassexual (informantes homens e mulheres); diastrática, Cb (classe baixa, analfabeto ou com escolaridade até ensino médio) e Ca (classe alta, com ensino superior); diageracional, GI (geração I, 18 a 36 anos) e GII (geração II, 55 anos ou mais); e diatópica (dois espaços geográficos distintos) (THUN, 2005, p. 71).

Dentre os grupos de informantes de Chapecó, luso-brasileiros, foram selecionados da GI, um homem e uma mulher que pertencem a Ca e, da GII, um homem e uma mulher que pertencem a Cb. Em Palmitos, os luso-brasileiros selecionados foram um homem e uma mulher da GI que pertencem à Ca e, da GII, um homem e uma mulher que pertencem a Cb. Os pares selecionados encontravam-se na faixa-etária correspondente a sua geração e se equivalem quanto a dimensão diastrática para que fosse possível realizar comparações.

No grupo ítalo-brasileiros de Chapecó, os informantes da GI foram um homem e uma mulher que enquadraram-se na Ca e, na GII, um homem que pertence à Ca e uma mulher que pertence à Cb. Em Palmitos, os ítalo-brasileiros da GI foram um homem e uma mulher da Ca e, da GII, um homem da Ca e uma mulher da Cb. Novamente, nesta seleção atentou-se para que os informantes atendessem aos mesmos critérios para que fosse possível realizar comparações entre os pares, se necessário.

Buscando contemplar e alcançar o objetivo proposto, a entrevista foi dividida em quatro momentos, o primeiro deles foi uma conversa inicial com o informante para familiarizá-lo e fazer com que ele se sentisse mais à vontade, no segundo momento foram feitas algumas perguntas diretas em forma de questionário que atendiam às concepções de



preservação da língua, se percebiam diferenças entre a língua falada aqui e a falada na Itália/Portugal, sobre o ensino nas escolas da sua língua de origem, entre outras. No terceiro momento, realizou-se uma leitura guiada, na qual o informante dispensava maior monitoramento à sua fala e, no quarto e último momento, realizou-se uma conversa sobre o uso da variante empregada pelo participante, se ele percebe uma diferença, se já experienciou o preconceito ou percebeu situação semelhante em alguns espaços. Dessa forma, foi possível perceber o que o informante pensa a respeito do uso do /r/, dos seus próprios usos, como também, da sua percepção em relação a um possível preconceito linguístico.

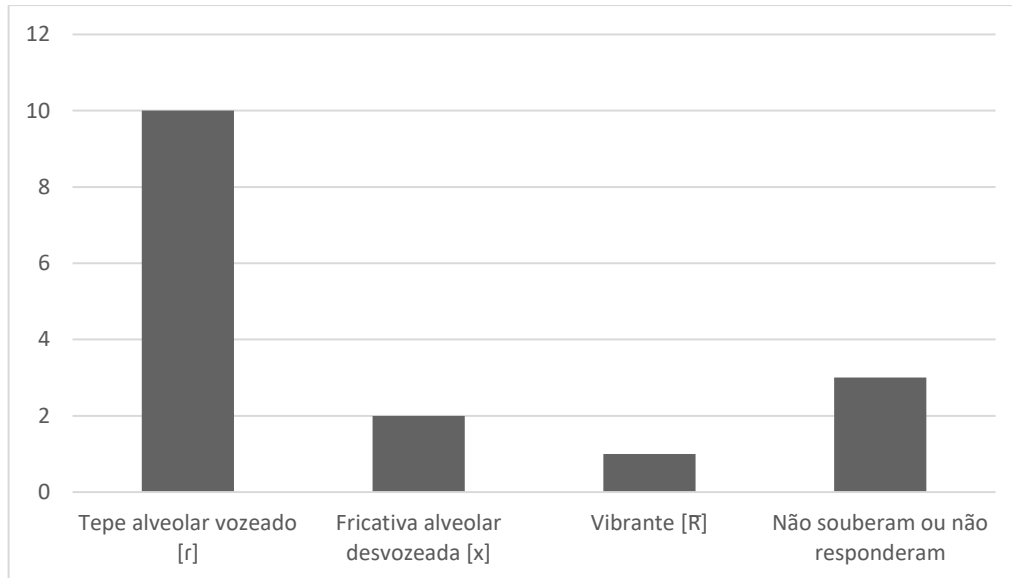
5 Empregos, registros e análises das variantes do /r/

Analisando as produções de todos os informantes, o que se percebe é o uso de quatro variantes do fonema /r/ em contextos de r-forte, no grupo de entrevistados. Registrou-se o fonema da fricativa alveolar desvozeada [x], tepe alveolar vozeado [r], vibrante \bar{r} e da retroflexa alveolar vozeada [ɾ], destacando-se o tepe alveolar vozeado com o maior número de empregos.

Na sequência, selecionou-se o estilo de perguntas diretas para serem analisadas, considerando o maior subsídio de material adquirido e o objetivo principal deste artigo, que é analisar as produções da variante /r/ em diferentes posições silábicas nas palavras.

Observe-se a seguir como o informante produz a variante /r/ em posição inicial de palavra (rosto/rio), intervocálica (carro/correr), e antecorsonatal (enrolar). Desse modo, compilando a resposta de todos os entrevistados às perguntas, “*Como você chama aquilo que quase todas as famílias se reúnem aos domingos para comer e junto beber uma cerveja?*” e “*Como você chama o animal doméstico de quatro patas considerado amigo fiel do homem?*” observou-se o seguinte resultado:

Gráfico 1 - Realizações do fonema /r/ para as palavras “Churrasco” e “Cachorro”.

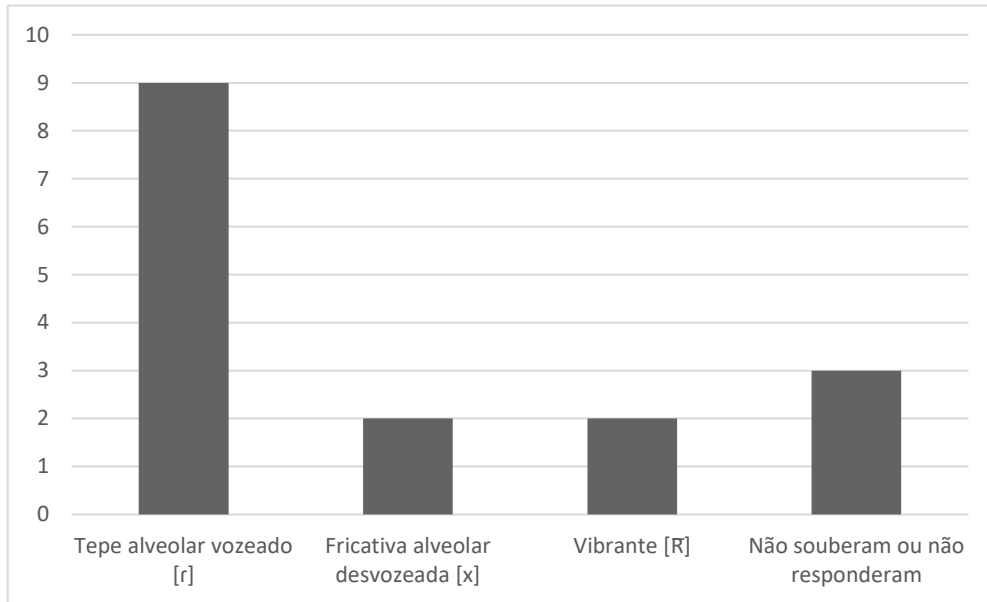


Fonte: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – coletados por Restelli (2021)

Percebe-se que no Gráfico 1 há o emprego expressivo da variante Tepe alveolar vozeada [r], em detrimento das variantes fricativa alveolar desvozeada [x] e da vibrante \bar{R} em contexto de r-forte. Destaca-se que o grupo que enquadra a coluna “Não souberam ou não responderam” corresponde ao conjunto de informantes que apresentaram respostas diferentes das esperadas ou até que não compreenderam a pergunta, mesmo com a releitura.

Na sequência, no Gráfico 2, são apresentados os resultados advindos das respostas dos informantes às seguintes perguntas, “*Como você chama o veículo de quatro rodas muito comum para o transporte familiar?*” e “*Como você chama o lanche formado por pão, queijo e presunto ou mortadela que passa por um processo de tostagem?*”:

Gráfico 2 - Realizações do fonema /r/ para as palavras “Carro” e “Torrada”.

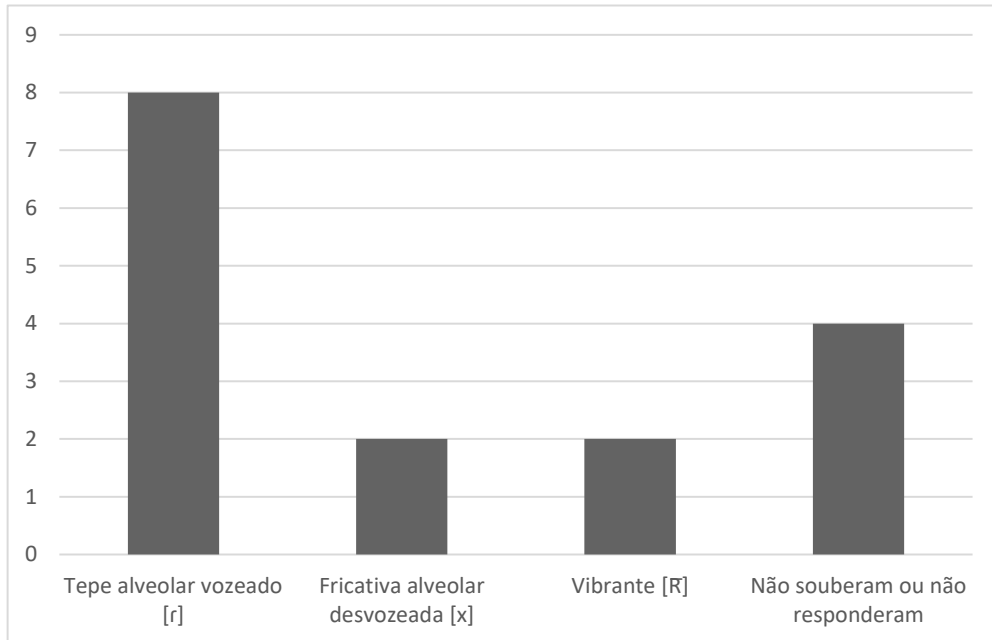


Fonte: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – coletados por Restelli (2021)

Depois de realizar a comparação entre os gráficos 1 e 2, pode-se afirmar a predominância de forma expressiva da variante Tepe alveolar vozeada [r] na fala de todos os informantes, independente do gênero, idade, situação econômica e localização geográfica, em posição intervocálica, em contextos de r-forte. Essa constatação nos leva a refletir acerca do emprego “prestigiado” que a variante fricativa alveolar desvozeada [x] ocupa, pois se os informantes usam mais Tepe é porque trata-se de uma pronúncia valorada localmente. A situação mostra que “para definir as propriedades a serem adotadas em sua variedade pessoal um falante conta com várias fontes de informação linguística e não-linguística de outros falantes” (SILVA, 2003, p.13).

Avançando nas comparações e analisando os dados que a amostra proporcionou, no Gráfico 3, observa-se a variante /r/ em posição inicial nas duas seguintes perguntas, “*Como você chama o instrumento utilizado para marcar as horas?*” e “*Como você chama o suco gaseificado tradicionalmente presente nos almoços de família?*”, e registraram-se os seguintes resultados:

Gráfico 3 - Realizações do fonema /r/ para as palavras “Relógio” e “Refrigerante”.

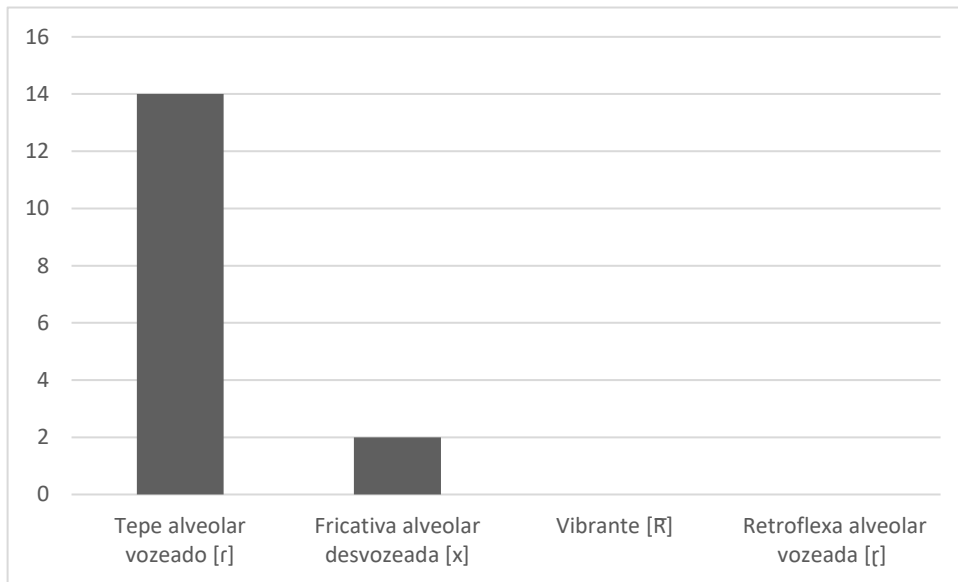


Fonte: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – coletados por Restelli (2021)

Novamente, nota-se o emprego expressivo da variante Tepe alveolar vozeado [r] em relação às demais variantes, quando analisadas as respostas de todos os informantes. Entretanto, quando analisa-se as respostas, das mesmas perguntas do gráfico 3, das informantes luso-brasileiras, femininas, da CaGI, observa-se o contraste diatópico, pois, a informante residente em Palmitos responde utilizando a variante Tepe alveolar vozeado [r], já a informante residente em Chapecó utiliza a variante fricativa alveolar desvozeada [x]. Isso confirma que a posição geográfica pode ser um condicionador à variante empregada.

No Gráfico 4, a seguir, ainda na abordagem do estilo de pergunta direta, mais especificamente analisando os resultados em posição ante consonantal, na qual a variante /r/ precede a consoante N, com a seguinte pergunta, “*Como você chama o salgado de salsicha enrolado em massa?*” observaram-se os seguintes resultados:

Gráfico 4 - Realizações do fonema /r/ para a palavra “Enroladinho”.



Fonte: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – coletados por Restelli (2021)

Costumeiramente, ouvem-se recomendações de que o uso adequado da variante /r/ antes da consoante N deve ser realizado, preferivelmente, pela fricativa alveolar desvozeada [x], uma vez que seu uso nesses casos seria mais condizente e prestigiado (CALLOU; LEITE⁹, 2013 apud CURIOLETTI, 2014). Contudo, o que observa-se no resultado da entrevista, em todos os gráficos, é a predominância da variedade Tepe alveolar vozeado [r] e, neste gráfico em específico o não emprego das variantes vibrante \bar{R} e da retroflexa alveolar vozeada [ɻ]. Isso permite levantar a hipótese de que, nestes espaços geográficos analisados exista em menor quantia, empregos da vibrante \bar{R} e da retroflexa alveolar vozeada [ɻ] devido aos contatos linguísticos pelos quais o dialeto da região perpassou.

Toda língua, bem como suas variações estão sujeitas e interligadas a fatores linguísticos e extralinguísticos. A esse estudo, tem maior representatividade entender os “condicionadores sociais, [que são] a idade, a procedência geográfica, a ocupação, o grau

⁹ CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore Villaça (org.). Gramática do português falado, v. 6. Campinas: Unicamp, 1996. p. 465-493



de escolarização, entre outras características dos falantes” (BATTISTI; MARTINS¹⁰, 2011; CALLOU; MORAES; LEITE¹¹, 1996, apud CURIOLETTI; SANDRI, 2019, p. 4). Por isso, faz-se necessário considerar e analisar a incidência desses parâmetros em situações de estudo variacional, considerando que

a Dialetologia não está mais restrita ao dialeto-base, ou ao nível mais ‘popular’, desviante da norma, e sim inclui a variação na norma *standard* entre suas tarefas de descrição. Ou seja, as tarefas a Dialetologia voltam-se para todo o contínuo variacional, *standard* e *substandard*, e não apenas para dialetos básicos ou variedades populares (LAMELLI¹², 2005, p.495 apud ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 373).

Isso se deve ao fato de, segundo Coelho et al. (2012, p.27), “as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser **inovadoras** na comunidade”(grifo dos autores). Nesse sentido, a variante Tepe alveolar vozeada [r] que teve amplo emprego observado na amostra, figura como uma variante não padrão e inovadora, pois, caracteriza-se como a identidade linguística de determinado grupo, e, pode ainda ser classificada como a variante de maior valoração local, ou seja, de prestígio para aquele grupo.

No estilo de conversa livre, empregada ao início da entrevista a fim de familiarizar os informantes e deixá-los mais à vontade com a situação, registra-se um fato interessante na fala do informante homem luso-brasileiro da CaGI de Chapecó: a alternância entre os fonemas Tepe alveolar vozeado [r] e fricativa alveolar desvozeada [x], conforme se observa no seguinte excerto “o bai[r]o onde eu to [x]esidindo é na Efapi. É, eu considero um bai[r]o tranquilo ali na [x]egião onde eu mo[r]o”. Já no momento da leitura, o informante emprega somente a variante fricativa alveolar desvozeada [x], e durante a aplicação do questionário direto, emprega somente a variante Tepe alveolar vozeada [r].

¹⁰ BATTISTI, Elisa; MARTINS, Luísa Bitencourt. Realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas. Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 42, p. 146-158, jun. 2011.

¹¹ CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore Villaça (org.). Gramática do português falado, v. 6. Campinas: Unicamp, 1996. p. 465-493.

¹² LAMELLI, Alfred. Standard und Regionalsprache – Konstanz und Wandel. In: EGGERS, Eckhard; SCHMIDT, Jürgen Erich; STELLMACHER, Dieter (Hrgs.). Moderne Dialekte – Neue Dialektologie. Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD). Stuttgart: Franz Steiner, 2005. p. 495-513.



Isso ilustra o monitoramento do indivíduo frente às situações de leitura, uma situação mais formal para a qual ele depreende maior atenção. Já na conversa livre, assim como no questionário dirigido, ilustra-se um cenário menos formal, ou seja, de menor monitoramento. Isso se observa com maior frequência na Ca, pois “em geral, usa uma linguagem mais monitorada, mais condizente com a variedade padrão” (COELHO et al., 2012, p.81). Isso se deve, possivelmente, ao maior grau de instrução que detém e pelo acesso facilitado à informação que alcançam.

Ainda no estilo de conversa livre, quando se analisa os pares de homens ítalo-brasileiros da CaGI com o contraste diatópico, nota-se que ambos empregam a mesma variante em início de palavra. Observe um trecho de fala em que o uso de Tepe é favorecido na fala do informante de Palmitos “*Eu atendo, na verdade são 12 cidades aqui do oeste, então não me detenho só a Palmitos, é uma [r]egião um poco mais grande né, atendo a todos os produtores nessa [r]egião né*”. E o informante de Chapecó o seguinte “*Na verdade eu presto assistência técnica a compressores de ar na [r]egião do oeste de Santa Catarina, norte do [r]io Grande do Sul e sul do Paraná*”. Neste par em questão, a região não influenciou na escolha da variante, pois ambos apresentaram o Tepe alveolar vozeado [r].

Cabe destacar que os informantes são descendentes ítalo-brasileiros, e, na região oeste de Santa Catarina, o dialeto falado, e com qual os informantes tendem a manter contato, é o talian,

uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil na região de ocupação italiana direta e seus desdobramentos desde 1875, em especial no nordeste do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Espírito Santo. Sua origem linguística é o italiano e os dialetos falados, principalmente, na regiões do Vêneto, Trentino-Alto e Friuli-Venezia Giulia e Piemontes, Emilia-Romagna e Ligúria (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2014).

Além de que o talian “é uma das autodenominações para a língua de imigração falada no Brasil onde houve ocupação italiana, desde o século XIX” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2015).

Curioletti e Sandri (2019, p.3) apresentam que “do ponto de vista sociolinguístico, em comunidades de ítalo e teuto-brasileiros, a vibrante ou tepe [r] e a vibrante forte ou múltipla [r̥] são realizadas alternadamente de forma a serem interpretadas como parte da



mesma unidade fonológica”. A não existência do r-forte no talian é uma característica que se repete no PB falado por ítalo-brasileiros e luso-brasileiros, possivelmente, são marcas do contato PB/talian. Dessa forma “ao se levar em conta as variedades do PB faladas por sulistas, em especial por descendentes de italianos e alemães, constata-se a realização do tepe [r] para os contextos de r-forte ou a inversão de r-forte para os contextos de tepe [r] como hipercorreção” (MARGOTTI, 2004; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011).

Já os pares de luso-brasileiros homens da CaGI com o contraste diatópico, apresentaram empregos distintos da variante /r/ em posição inicial. O entrevistado de Palmitos verbalizou o excerto a seguir “*eu to [r]esidindo na linha Passa[r]inhos né, interio[r] de Palmitos*”. E o fragmento encontrado em Chapecó é “[*x]esido aqui em Chapecó, vai fazê 4 anos em agosto, e o bai[r]o onde eu to [*x*]esidindo é na Efapi.*” Nessa comparação, observa-se que em posição inicial a variante /r/ assume duas produções distintas nas regiões, sendo o Tepe alveolar vozeado [r] e a fricativa alveolar desvozeada [x]. Acredita-se que um fator extralinguístico influenciador dessa variação seja a profissão de cada um. O informante de Chapecó trabalha em uma instituição financeira, a qual exige, costumeiramente, uma linguagem mais “prestigiada” de seus funcionários. Em contrapartida, o informante de Palmitos exerce diversas funções em uma empresa de porte médio, a qual não faz exigências linguísticas quanto a variedade a ser empregada pelos seus funcionários.

Isso ilustra o que as autoras Curioletti e Sandri (2019) observaram, que vem ocorrendo uma mudança linguística de vibrante fricativa. A hipótese para esta mudança envolve a questão do prestígio que essa fricativa vem ganhando em relação à vibrante. Percebe-se, nesse sentido, que com o tempo pode ocorrer o desaparecimento de determinada variante, em detrimento daquela à qual se destina maior aceite e prestígio.

Nesse sentido, para finalizar esta seção, apresenta-se a concepção de Silva (2003, p.12) de que “falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas”. O que se percebe é a incorporação de marcas no PB que o constituíram, fazendo parte dessa contribuição, também, os ítalo-brasileiros.



Nesta seção do artigo, optou-se por analisar somente dois estilos, o questionário direto e a conversa livre, pois, ambos atendem melhor às necessidades e objetivos traçados por hora com esta pesquisa. Em oportunidades futuras, os demais estilos poderão ser estudados, assim como eventuais outras questões percebidas nas entrevistas.

Considerações finais

Em suma, após apresentar ideias de diferentes autores, que somadas unem-se no propósito de desmistificar concepções arraigadas e dissipar os conhecimentos sociolinguísticos, admitidas junto às amostras obtidas, vê-se um pequeno recorte ilustrativo de dados que revelam empregos regionais marcados e evidentes.

É possível concluir que existem distintas variantes e empregos de um único fonema, nesse caso, o /r/, mas, que os fatores extralinguísticos são potenciais influenciadores quando da escolha e do emprego deste fonema. Nota-se, a partir dos nossos resultados de pesquisa, o uso expressivo da variante Tepe alveolar vozeado [r] em contexto de r-forte, como está ilustrado nos gráficos, que é, pelas nossas experiências de pesquisa de campo, costumeiramente, encontrado na região oeste de Santa Catarina.

Observou-se que, apesar de a variante de maior prestígio atualmente ser a fricativa alveolar desvozeada [x] (CALLOU; LEITE¹³, 2013 apud CURIOLETTI, 2014), o maior emprego e registro do Tepe alveolar vozeado [r], tanto em posição inicial e ante consonantal, quanto pós vocálica, exemplos vistos na fala de chapecoenses e palmitenses. É sabido que na análise ocorreu em um pequeno excerto da população em zonas delimitadas, porém, são resultados consideráveis que expressam e têm seu valor, pois ilustram dados numa proporção micro que podem ser levados em conta numa perspectiva macro. Nesse sentido, avaliamos as produções num micro espaço, mas que nos permitem, muitas vezes, avalizar particularidades significativas sobre a variação do português brasileiro em um cenário macro.

Sempre que a língua é analisada, está condicionada a uma série de influências, como o próprio indivíduo que a utiliza, a variar de acordo com a situação, delimita suas produções

¹³CALLOU, D.; LEITE, Y. Iniciação à fonética e à fonologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.



e tenta, mesmo que inconscientemente, adequar sua fala ao contexto. Essa é a dinamicidade que a língua nos outorga e que Coelho et al (2012) nos apresentam em seus estudos.

Sobretudo, o que se pode inferir a partir dos resultados alcançadas, é que existe um grupo expressivamente maior que utiliza a variante Tepe alveolar vozeada [r], independente do contexto, do monitoramento ou com quem estão interagindo linguisticamente. Ressalta-se que apenas duas informantes mulheres, ambas luso-brasileiras, uma da GI e outra da GII fazem uso exclusivo da variante fricativa alveolar desvozeada [x]. Estas duas têm experiências de vida diferentes, mas que se equivalem e podem ser potenciais influenciadores da adoção desta variante.

A informante da GI pertence a Ca, teve amplo acesso à educação e acompanhamento fonoaudiólogo para “correção” (como a própria relata) da sua fala, mais especificamente da produção do fonema /r/. Já a informante da GII, pertence a Cb, teve muitas experiências profissionais em espaços onde empregava-se a variante de maior prestígio, e foi orientada, em muitas ocasiões, a adequar sua variante, até que esta se tornou natural para ela (relato da informante).

Krug e Horst (2015, p.177) corroboram e destacam que

A identidade e a diferença andam em estreita conexão com o poder e o prestígio. Ninguém quer pertencer a um grupo étnico de menor prestígio ou de pouco poder. Nestes casos, os indivíduos de comunidades minoritárias tentam se assimilar tanto aos aspectos culturais quanto aos linguísticos dos grupos dominantes. Ser integrante de um grupo com identidade étnica e linguística forte é, muitas vezes, motivo de orgulho, conferindo ao falante um certo sentimento de superioridade.

Pode-se supor que as informantes tenham “escolhido” alterar seu modo de falar buscando enquadrar-se em padrões, empregando uma variante de prestígio usada por pessoas de maior poder. Contudo, são hipóteses que se fortalecem no relato das informantes quando contam os episódios em que sofreram preconceito linguístico pelo seu modo de falar.

O que se busca destacar destes resultados é a existência, concomitante, de mais de uma variante em âmbitos regionais, mas que aplicam-se conforme a disposição dos indivíduos. Conclui-se que não existe uma variante melhor ou pior, mas, que o indivíduo



tem opções e mobilidades distintas para conferir à sua fala, ou seja, consegue adequá-la a diferentes contextos, de acordo com suas necessidades.

É perante os resultados obtidos que afirma-se a existência de dialetos regionais que se sobrepõem e prevalecem em detrimento das variedades de prestígio. A dinamicidade conferida à língua e a função comunicacional que ocupa, e busca contemplar, é assegurada e sofre manutenções pelos indivíduos que a empregam.

Nesse sentido, com este estudo, não busca-se inferiorizar ou dismantelar uma variante em detrimento da outra, mas sim mostrar que existem registros de quatro variantes para o fonema /r/ e que, majoritariamente, a variante Tepe alveolar vozeado [r], apesar de não ser prestigiada e sofrer muito estigma, ainda prevalece nos empregos. Vale destacar que a variante Tepe alveolar vozeado [r] sofre estigma em contextos de realização urbana, mas que, em zonas rurais ou periféricas não se registra um sentimento negativo perante o seu uso (conforme relato dos informantes).

Segundo Krug e Horst (2015, p.176) “a negação da variedade minoritária está ligada às questões de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola”. Isso revela, mais uma vez, a importância de refletir e direcionar o conhecimento adequado às escolas e centros de ensino, pois, são um divisor de águas quanto a aceitação ou negação de muitos conceitos.

A predominância do fonema Tepe alveolar vozeada [r], acredita-se que venha a ser registrada por muitos fatores, sendo um deles e talvez o principal, a região. Contudo, quando engloba-se a região são considerados fatores históricos e sociais como potenciais influentes à existência deste fonema.

Sendo assim, para finalizar, observa-se que as regiões delimitam e oportunizam o emprego em massa de determinada variedade, conferindo a identidade de determinado grupo que está associada a fatores linguísticos e extralinguísticos (CURIOLETTI, 2014). Isso não significa dizer que outras variedades não concorram concomitantemente com a de maior emprego, mas, que nem sempre o maior emprego configura-se como a variedade de maior prestígio. O que define a variedade de prestígio, conforme o que foi apresentado neste estudo, está intimamente ligado à variedade empregada pelas pessoas com maior poder, status e pelas mídias (TARALLO, 2007).



Sobretudo, conclui-se que “toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares” (BAGNO, 1999, p. 47), e por isso, devem e precisam ser respeitadas. Além de que, no caso do Tepe alveolar vozeada [r], valorizá-lo contribui para a manutenção das marcas do bilinguismo PB/Talian.

Referências

ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil: Bacia do Prata. In: AGUILERA, V. DE A.; ROMANO, V. P. (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016. p.371-392.

ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-316.

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **RILI**, [s.l.], v.3, n.1, p.83-93, mai. 2004.

BAGNO, M. A mitologia do preconceito linguístico. In: BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Editora Loyola, 1999. p.13-69.

BARRERA, S. D.; MALUF, M. R.. Variação linguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.35-46, 2004.

CASTILHO, A. T. de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. **Caderno de Estudos Linguísticos**, [s.l.], n. 1, p. 13-20, 1978.

COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

CURIOLETTI, D. S. S. **Lusismos no inglês em comunidades bilíngues português/italiano no oeste catarinense: a realização do /R/**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

CURIOLETTI, D. S. S.; SANDRI, M. M. A representação fonológica da vibrante no português brasileiro. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 59, p. 149-168, out. 2019.

HORST, C.; KRUG, M.; FORNARA, A. E. Estratégias de manutenção e revitalização linguística no oeste catarinense. **Organon**: Porto Alegre, v.32, n.62, jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CIDADES E ESTADOS: **Chapecó**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/chapeco.html>. Acesso em: 27 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CIDADES E ESTADOS. Cidades e Estados: **Palmitos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/palmitos/panorama>. Acesso em: 15 dez. 2021



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Língua Talian**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/183/> . Acesso em: 24 mar. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Guia de línguas disponibiliza consulta de palavras em Talian**. [s.l.], 17 jul. 2015. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2858/guia-de-linguas-disponibiliza-consulta-de-palavras-em-talian> Acesso em 15 dez. 2021.

KRUG, M. J.; HORST, C. Identidade e comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. **Nonada: Letras em Revista**. 2015, 1(24), 173-187.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2004.

MEZZOMO, C. L.; LUIZ, S. W. Interferência da variante linguística nas estratégias de reparo utilizadas no processo de aquisição fonológica. **J Soc Bras Fonoaudiol**, Santa Maria, v. 24, n. 3, p. 239-247, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMITOS. **História e colonização de Palmitos**. Palmitos, 2017. Disponível em: <https://www.palmitos.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/23928>. Acesso em 24 mar. 2021.

SILVA, H. C. da; AGUILERA, V. de A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SPESSATTO, M. B. **Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. **Estudos de variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**/organizado. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) **Language and space**: theories and methods. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 706-723 (HSK 30.1)

Recebido em: 30/05/2023 | Aprovado em: 26/08/2023.
